

JOSÉ OITICICA E A ARTE DE SER ANARQUISTA: DA POESIA ANÁRQUICA À ANARQUIA POÉTICA
[JOSÉ OITICICA AND THE ART OF BEING ANARCHIST: FROM ANARCHIC POETRY TO POETIC ANARCHY]

Jan Clefferson Costa de FREITAS

Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2021).

E-mail: jan.freitas.095@ufrn.edu.br

Resumo:

José Rodrigues Leite e Oiticica foi sem dúvidas um dos mais significativos nomes do pensamento anarquista no Brasil do século XX. Através da ação direta e de intervenções estéticas, o pensador insurrecionista constituiu uma arte de viver literariamente politizada. Nos sonetos e escritos de José Oiticica, um expressivo diálogo com os conceitos clássicos da anarquia pode ser identificado. No horizonte existencial do poeta libertário, atividade artística e ativismo social estão relacionados de uma forma indissociável: para ele todo ato criativo constitui também uma ação revolucionária, ou seja, um movimento de caráter insurrecional com o objetivo de emancipar a sociedade da dominação fascista. Assim, o propósito do presente trabalho consiste em apresentar, a partir da vida e obra de José Oiticica, a correlação de forças entre as ideias do anarquismo e a estética da existência.

Palavras-chave: Arte, Anarquia, Anarquismo, Estética Existencial, Poesia Anarquista.

Abstract:

José Rodrigues Leite e Oiticica was without doubt one of the most significant names of anarchist thought in 20th century Brazil. Through direct action and aesthetic interventions, the insurrectionist thinker constituted a literarily politicised art of living. In José Oiticica's sonnets and writings, an expressive dialogue with the classical concepts of anarchy can be identified. In the libertarian poet's conceptual horizon, artistic activity and social activism are



inextricably linked: for him, every creative act also constitutes a revolutionary action, that is, an insurrectionary movement with the purpose of emancipating society from fascist domination. Thus, the finality of this paper is to present, based on the work and life of José Oiticica, the correlation of forces between the ideas of anarchism and the aesthetics of existence.

Keywords: Art, Anarchy, Anarchism, Anarchistic Poetry, Existential Aesthetics.

I. Do Pensamento ao Movimento: o Poeta da Anarquia

José Rodrigues Leite e Oiticica (1882-1957) foi vegetariano, renunciou à atuação na área do direito e aos estudos em medicina para ser professor emérito no Colégio Pedro II. Oiticica foi poeta, polemista, musicista, contista, dramaturgo, linguista, poliglota, fonetista e filólogo, considerado pelos seus contemporâneos e amigos como um gênio filosófico. O escritor e periodista antifascista Roberto das Neves (1907-1981) recorda: “um extraordinário artista, um batalhador incansável pela cultura e pelo aperfeiçoamento moral da sociedade, um homem honrado e bom e, como corolário, um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil – tal foi José Oiticica” (1970, p. 39). Além disso, José Oiticica foi jornalista e editor de periódicos libertários como *A Lanterna*, *Spartacus*, *Livre Pensador*, *5 de Julho*, *A Plebe*, *Ação Direta* e a revista *A Vida*, bem como foi espiritualista iniciado e depois Grão-Mestre da *Fraternitas Rosacruziana Antiqua*.¹ Nessa perspectiva, ao serem levadas em consideração todas as qualificações que o tornaram bastante distinto,



¹ A *Fraternitas Rosacruziana Antiqua* (FRA) consiste em uma das mais respeitáveis ordens esotéricas do mundo contemporâneo. Fundada em 1932 pelo médico, ocultista e rosa-cruz de origem alemã Arnold Krumm-Heller (1876-1949), desde a sua data de nascimento no plano terrestre até hoje a FRA tem atuado como uma escola de filosofia hermética inspirada no gnosticismo, na Cabala e na alquimia, a contar com vários ramos espalhados por todo o planeta, especialmente nos países de fala hispânica e no Brasil. Um dos autores que mais exerceram influência sobre a filosofia da FRA em todos os tempos foi o inglês Aleister Crowley (1875-1947), considerado como a ser um dos maiores experts que se tem notícia na área das ciências antigas e de nítidas tendências libertárias. Por ser reconhecido como alto iniciado e grão-mestre da FRA, José Oiticica foi sem dúvidas um anarquista divergente do padrão materialista. Muito diferente da maioria dos seus correligionários, para a ele não existiam apenas as dimensões da realidade material. Oiticica considerava a existência de muitas outras realidades além da matéria, de mundos metafísicos tão importantes e dignos de nota quanto o próprio mundo físico.

Oiticica pode ser reconhecido de maneira objetiva e indubitável como um dos mais expressivos nomes do movimento anarquista no Brasil do Século XX.²

O primeiro contato direto de José Oiticica com as ideias anarquistas aconteceu em meados do ano de 1912. Apesar de ter se formado com distinção no curso de direito da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, o jovem Oiticica logo renunciou à formação profissional ao constatar, por experiência própria, o quão era injusta a justiça brasileira. A renúncia motivada por um forte senso crítico abre novos horizontes para o poeta, que adere com afinco ao ideal da anarquia. Conforme ressalta Roberto das Neves (1970, p. 24): “o anarquista consciente, integrado no corpo de doutrinas designado por anarquismo, só haveria mesmo de surgir em 1912, ano que marca a sua entrada no movimento deste nome”. Das Neves relata que, em uma conversa com Oiticica, lhe perguntou como se deu o seu contato inicial com o anarquismo. José Oiticica respondeu para o amigo que, desiludido com as ciências jurídicas, ele havia abandonado a profissão de bacharel em direito para dedicar-se a uma nova teoria política. Ao expor a novidade para um primo, o jornalista, escritor e professor Ildefonso Falcão (1894-1958), este último identificou na elucubração os elementos constituintes da perspectiva ácrata. À primeira análise, as observações do jornalista foram rechaçadas por Oiticica; porém no dia seguinte, Falcão trouxe para ele alguns números de jornais e revistas libertárias, que foram lidos de uma só vez. Dessa forma, José Oiticica reconheceu que era sim um anarquista:

Foi depois dessa descoberta que Oiticica, por intermédio do escritor e crítico literário Elói Pontes, autor de um livro sobre as ideias anarquistas, então recém-aparecido, e de outro escritor então muito popular, Elísio de Carvalho, estabeleceu contato com o grupo de anarquistas existente no Rio de Janeiro e no qual predominavam espanhóis, portugueses e italianos (NEVES, 1970, p. 25).

² Uma análise biográfica mais detalhada das ideias e ações de José Oiticica pode ser identificada na apresentação da sua obra *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. O texto introdutório, que acompanha o livro supracitado desde a sua 4ª edição, intitulado “*José Oiticica: sua Vida, sua Obra, suas Ideias*”, foi escrito pelo anarcossindicalista, historiador, arquivista e escritor Edgar Rodrigues, a pedido de Sônia Oiticica, uma das filhas do poeta insurrecionista. Outro texto de base para entender a história e pensamento de José Oiticica está presente na introdução da sua obra *Ação Direta*. A tessitura introdutória foi redigida pelo anarquista, antifascista e escritor Roberto das Neves sob o título de “*José Oiticica: um Anarquista Exemplar e uma Figura Ímpar na História do Brasil*”. Assim, as passagens biográficas de Oiticica apresentadas neste artigo, além de se embasarem nas palavras do próprio rebelde, também têm como fontes de referência os manuscritos dos seus amigos Edgar Rodrigues e Roberto das Neves.



Ainda no ano de 1912, José Oiticica publicou um artigo no periódico *A Lanterna* em memória do pedagogo anarquista catalão Francisco Ferrer (1859-1909), fundador da Escola Moderna, fuzilado na prisão de Montjuïc em Barcelona, acusado de ter sido o instigador de uma revolta popular conhecida como Semana Trágica, em 1909.³ Do ponto de vista crítico apresentado por Oiticica, as ideias defendidas por Ferrer seriam o prenúncio da derrocada do antigo mundo que abririam o espaço para o advento de uma nova humanidade. Diz o poeta da liberdade: “Na sucessão interessantíssima dos quadros, esse da morte de Ferrer nos elucida o entrecho com uma energia sugestiva tão violenta, que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose do racionalismo libertário” (OITICICA, 1970, p. 277-278). Do ângulo de visão da pedagogia racionalista, o fomento da ignorância era a base da exploração em massa dos trabalhadores. Para Ferrer e também para Oiticica, apenas por meio de uma educação racional dinamizada pela causa libertária seria possível emancipar os explorados da dominação. Dito de outra maneira, a supramencionada publicação em prosa autoral no jornal anticlerical fundado pelo advogado e ativista libertário Benjamim Mota (1870-1940) marca a primeira manifestação textual-ideológica transparente de José Oiticica no que concerne ao seu apreço radical pelo anarquismo.

Já o primeiro contato direto de José Oiticica com o movimento anarquista se deu em meados de 1913, quando procurou pelos dirigentes da Federação Operária do Rio de Janeiro. No contexto do momento, os membros da federação estavam em busca da unidade necessária para reconstituir a Confederação Operária Brasileira. Edgar Rodrigues (1921-2009) rememora com veemência o engajamento social do seu amigo Oiticica na movida libertária: “Participava de greves, escrevia em defesa dos operários, proferia conferências nas suas entidades. Onde precisasse de um orador lá estava o anarquista José Oiticica!” (2005, p. 14). Desde o instante que começou a frequentar com assiduidade os sindicatos mais proativos do operariado de sua época, José Oiticica se dedicou com exclusividade ao movimento sindicalista libertário e contribuiu de uma forma imprescindível

³ Na perspectiva de John Connelly Ullman (1972), nunca existiram provas concretas de que Francisco Ferrer foi o mentor intelectual da Semana Trágica, isto é, o conjunto dos violentos acontecimentos que se desdobraram de 26 de julho a 2 de agosto em Barcelona e outras cidades da Catalunha, no ano de 1909. Muito pelo contrário, na análise de Rodrigo Rosa da Silva (2013), as provas materiais evidenciam uma monstruosa falha jurídica no julgamento do caso Ferrer, um processo eivado de vícios e incongruências que macularam a verdade da história até a raiz, pois durante a semana em questão, onde os trabalhadores enfrentaram o exército na luta contra a exploração, Francisco Ferrer nem sequer se encontrava em Barcelona.



para a consolidação dos acontecimentos que resultariam nas greves gerais e nas revoltas populares do Brasil no início do século XX.⁴

Oiticica passou então a frequentar os poderosos sindicatos operários ainda não domesticados e manietados (como viria a suceder depois, pelo fascismo vermelho de Stalin e sob o fascismo negro de Salázar, Getúlio Vargas, Franco e Perón, à canga do Estado totalitário de que é traço dominante o imposto sindical) e a neles realizar cursos e conferências com que muito contribuiu para a consciência que o movimento sindical adquiriu e que o fascismo de todas as cores, negro, azul, vermelho e cinzento, destruiu, reduzindo os sindicatos a passivos instrumentos do Estado onisciente, onipresente e onipotente (NEVES, 1970, p. 25).

Na ocasião de sua visita à Federação Operária do Rio de Janeiro, quando procurava pelo presidente da organização, José Oiticica foi surpreendido por um carpinteiro que lhe disse não haverem presidentes ou dirigentes na associação, mas que a última funcionava por intermédio de comissões administrativas que concretizavam as determinações da coletividade. O episódio do encontro entre Oiticica e o anarquismo é lembrado por Edgar Rodrigues (2005, p. 14): “Informado que ali não existia presidente, só comissões administrativas que executavam as decisões de suas assembleias, Oiticica vibrou com a resposta e desde então jamais abandonou os trabalhadores”. Com efeito, vale ressaltar que o sindicalismo libertário daquele período histórico e espaço geográfico era composto por imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, alemães, russos e ucranianos, aos quais se somavam na luta operária os indígenas, negros, mestiços, mulheres, nordestinos, camponeses, moradores de favelas, pessoas sem-teto e até as crianças, em suma, os marginalizados e os explorados por um sistema originário da colonialidade que na época



⁴ Desde 1913 José Oiticica era um ativo membro dos sindicatos anarquistas do Rio de Janeiro e como tal protagonizou, ao lado de grandes amigos, os vários eventos que conduziram os trabalhadores à greve geral de 1917. Em 1918 Oiticica atuou como agente provocador dos atos que começaram com as manifestações do 1 de maio e que culminariam na insurreição anarquista em agosto daquele ano. Na ocasião, o movimento grevista paralisou o funcionamento de grandes empresas como a Cia Cantareira e a Viação Fluminense, das quais exigiram redução da jornada de trabalho e o aumento dos salários. O quebra-quebra nas ruas tornou-se frequente ao longo do ano de 1918, como resultado dos enfrentamentos entre as forças repressivas do Estado contra os operários que lutavam por melhoras nos direitos trabalhistas. Em novembro de 1918, José Oiticica e companheiros, dentre os quais se encontravam militares de baixa patente e uma média de 400 trabalhadores, articularam um plano para a derrubada da energia e das comunicações do Palácio do Governo. Como haviam infiltrados a serviço dos órgãos da repressão que atuavam como espíões no sindicalismo, cerca de 1600 bombas foram apreendidas, a insurreição foi denunciada e contida pelos traidores do operariado. Na tarde do dia 18 de novembro de 1918 Oiticica foi detido, julgado e condenado à prisão na Ilha Rasa. Por conta da pressão feita por diversos intelectuais, José Oiticica foi solto da Rasa em 1919, mas em 1924 voltou a ser preso na Ilha das Flores por conta da eclosão da Revolta Paulista. No cárcere escreveu a *Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* e de lá saiu apenas no ano de 1929.

estava em completa vigência. A partir de então, a identificação do jovem poeta com as ideias libertárias e o movimento anarquista foi vitalícia.⁵

José Oiticica foi um incansável buscador de conhecimento e encontrou nos clássicos do pensamento libertário um espelho através do qual poderia se ver refletido de dentro para fora. Para ele, não haveria bem-estar social que pudesse vir a ser assegurado pelo Estado, a instituição despótica cujos aparelhos de dominação seriam abolidos na sociedade anárquica: “O primeiro ponto por considerar, na compreensão de uma sociedade anárquica é a inutilidade do Estado, ou melhor, sua impossibilidade” (OITICICA, 2005, p. 76). Através da abolição do aparelho estatal, com a bancarrota de uma instituição que favorece apenas os possuidores em detrimento dos não-possuidores, a partir da demolição de um mecanismo que regulamenta a competitividade entre os privilegiados, todos seriam trabalhadores e não haveria mais a disputa de vida ou morte entre os proprietários e os não-proprietários. Na sua obra *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*, em um discurso direto e bem articulado, o poeta antiautoritário sintetiza a sua visão do ideal anárquico:

Compreendendo que a tendência dos homens é a associação livre, fora da ingerência governamental, os anarquistas desejam apressar o advento desse sistema associativo integral, como forma única de organização humana. A humanidade, ainda sem a doutrina anarquista, chegaria, pouco a pouco, a libertar-se do trambolho – Estado; mas, tal evolução seria penosíssima e extremamente lenta (OITICICA, p. 80).

Apenas por intermédio da livre associação entre os seres humanos e da total supressão do Estado, um evento que culminaria sim na abolição da noção de propriedade e do princípio de autoridade, a organização social fundamentada nos ideais revolucionários da anarquia poderia se edificar: “Ora, numa sociedade sem propriedade particular não pode haver possuidores, não pode haver proprietários e, sendo assim, não há mister de um órgão defensor dos possuidores” (OITICICA, 2005, p. 76). As ideias anarquistas clássicas podem ser reconhecidas com total distinção tanto na vida quanto na arte de Oiticica. O “auto-

⁵ Convém observar a distinção conceitual estabelecida por Sébastien Faure (1858-1942) entre a anarquia e o anarquismo. Faure foi o primeiro dos filósofos libertários a discernir a ideia da anarquia das suas consequências práticas, ou seja, do movimento anarquista. Na sua monumental *Encyclopédie Anarchiste*, o pensador enciclopedista evidencia a sutil diferença entre as duas expressões. A anarquia para ele consistia no conjunto de princípios gerais que norteavam os anarquistas na sua luta pela liberdade; e o anarquismo seria, por sua vez, a organização multilateral constituída por vários tipos de anarquista contra o princípio de autoridade. Assim, nós podemos conceber a anarquia como a teoria do anarquismo e o anarquismo como a prática da anarquia. Em outras palavras, a anarquia pode ser reconhecida como pensamento e o anarquismo pode ser reconhecido como movimento. Não obstante, nas mais diversas perspectivas compartilhadas pelos anarquistas, os dois conceitos discernidos estão sempre relacionados.



pertencimento” na obra de Max Stirner (1806-1856), o “federalismo” na obra de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), o “coletivismo” na obra de Mikhail Bakunin (1814-1876), o “vegetarianismo” na obra de Liev Tolstói (1828-1910), a “solidariedade” na obra de Piotr Kropotkin (1842-1921), o “antiautoritarismo” na obra de Errico Malatesta (1853-1932), o “aboliconismo” na obra de Flores Magón (1874-1922), o “insurreccionalismo” na obra de Nestor Makhno (1888-1934), o “anarcossindicalismo” na obra de Buenaventura Durruti (1896-1936), dentre outras concepções, são alguns dos principais conceitos do anarquismo clássico que podem ser identificados nas reflexões e ações de José Oiticica.⁶

II. Poesia Anárquica: Anarquia Poética

Diante do exposto na primeira parte do presente artigo, agora podemos seguir com a análise dos poemas de José Oiticica, nos quais, a influência das ideias anarquistas pode ser identificada.⁷ A poética libertária de Oiticica está atrelada de uma forma indissociável à sua existência, pois o artista não apenas vivenciava todas as linhas da sua arte, mas



⁶ O ponto de partida da análise estética a ser feita sobre os poemas de Oiticica neste artigo será o conceito literário de *Unheimliche*. A expressão *Unheimliche* aparece pela primeira vez na obra do escritor alemão E.T.A. Hoffmann (1776-1822) e serve para definir o sentimento de “estranha familiaridade” que muitas imagens da literatura provocam no leitor. O conceito em questão vem a ser tomado de empréstimo por Sigmund Freud (1856-1939) para descrever, na sua obra *O Infamiliar*, uma categoria do assustador cuja força de impressão remete a coisas que a muito são conhecidas e familiares. Quando acabamos de conhecer uma pessoa e ficamos com a impressão de que nós sempre nos conhecemos; quando passamos a ler um livro que nunca lemos e percebemos que ali estão ideias que nós já vimos em um lugar indeterminado; quando caminhamos por uma praia que nunca estivemos e nos lembramos de outras praias por onde passamos, nós estamos a experimentar o *Unheimliche*. Nessa perspectiva, quando tratamos de identificar as influências de um artista, também estamos a entender qual posição ocupa este na tradição, com quais conceitos interage por meio da arte e de que forma a sua obra está atrelada à sua existência. Na poesia de José Oiticica, quando os versos transparecem a presença inquestionável das ideias anarquistas, o “estranhamento familiar” vem a ser sentido pelos leitores. Através dos seus sonetos, Oiticica não apenas abre um diálogo entre ele e o movimento libertário, bem como evidencia um respeitável conhecimento das obras clássicas da acracia. Assim, a partir do *Unheimliche* suscitado pelas poesias, a relação entre arte, anarquia e anarquismo será pensada em sincronia com a vida do poeta.

⁷ Os poemas analisados aqui são originários dos *Sonetos: 2ª Série*. O livro citado constitui uma compilação da poesia autoral escrita de 1911 a 1918: organizada e publicada por José Oiticica em 1919. Devido à inexistência de arquivos eletrônicos na íntegra com as poesias de Oiticica em plataformas anarquistas, à falta de reedições impressas disponíveis para o público e à ausência de citações na fortuna crítica com referência de ano e páginas, o autor do presente artigo não teve escolha senão citar os sonetos sem a referida numeração. Ainda faltam cinco anos para a obra de José Oiticica poder entrar no domínio público. Será que o poeta da anarquia gostaria de privar os seus leitores do acesso à obra completa? Se o artista insurreccionalista dedicou as suas sístoles e diástoles ao anarquismo e aos seus ideais, os anarquistas que são colecionadores de obras raras poderiam prestar honras à memória literária de Oiticica e socializar a propriedade bibliográfica para fins epistemológicos.

também, este fazia da anarquia o seu autêntico estilo de vida. Nas palavras do rebelde: “A anarquia visa a máxima felicidade na Terra e assenta essa máxima felicidade no máximo desenvolvimento cultural do indivíduo. Assim, da maior importância nas comunas é a organização selecionada dos divertimentos e o cultivo da arte” (OITICICA, 2005, p. 115-116). Na sentença pré-designada, o autor em evidência transparece que a vida está para a arte da mesma forma que a anarquia está para o anarquismo, ou seja, embora vida e arte ou anarquia e anarquismo possam ser duas matérias diferentes, ambas estabelecem uma dinâmica de correlação. Em outras palavras, do ponto de vista de José Oiticica, tanto a vida não se achava separada da arte quanto a anarquia não se encontrava separada do anarquismo. Para o poeta da rebeldia, as forças do pensamento (a arte e a anarquia) e do movimento (a vida e o anarquismo) estariam interligadas: quer por uma relação de analogia, seja por uma relação de complementaridade, sempre com base na lei de causa e efeito.

Começemos a nossa análise estética pelo poema *Anarquia*, publicado por Oiticica no seu segundo livro de sonetos, no ano de 1919. No soneto inframencionado, a correlação de forças entre o ideal anárquico e o movimento anarquista pode ser observada com nitidez. Na visão de José Oiticica, o anarquismo em toda a sua pluralidade reivindica o pleno usufruto dos direitos naturais do ser humano, que são a vida e a liberdade: para que seja estabelecida a felicidade geral na Terra. Nas palavras de Sébastien Faure, a acracia representa o indivíduo “a derrubar as portas da masmorra onde a Autoridade o mantém preso; é o caminho livre; é a marcha para a alegria de viver; todos os obstáculos removidos, todas as correntes quebradas; é o inferno fechado e o paraíso aberto” (1934, p. 34). A considerar que os seres humanos desejem consciente ou inconscientemente viver e ser livres, a anarquia constitui, por assim dizer, uma inclinação intrínseca da natureza humana, uma tendência que pode ser observada entre a maior parte dos elementos que constituem o conjunto da espécie, pois, afinal de contas, todo mundo de algum modo quer ser feliz e ter liberdade. Assim o poeta declama:

Para a anarquia vai a humanidade
Que da anarquia a humanidade vem!
Vide como esse ideal de acordo invade
As classes todas pelo mundo além!

Que importa que a fração dos ricos brade
Vendo que a antiga lei não se mantém?
Hão de ruir as muralhas da Cidade,
Que não há fortalezas contra o bem.



Façam da ação dos subversivos crime,
Persigam, matem, zombem... tudo em vão...
A ideia, perseguida, é mais sublime,

Pois nos rudes ataques à opressão,
A cada herói que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.

O primeiro quarteto do poema evidencia a realização do ideal anarquista entre os povos originários que, desde muito antes da invasão colonialista, se organizavam com a máxima autonomia em sociedades sem o Estado, livres da opressão dos déspotas etno-genocidas, vulgo tubarones exterminadores.⁸ Na interpretação de Piotr Kropotkin (2001, p. 32-33): “Sob o nome de Anarquia surgiu, ao mesmo tempo que uma interpretação nova da vida passada e presente das sociedades, uma previsão de futuro, concebidas uma e outra no mesmo espírito que a concepção da natureza que acabo de falar”. O segundo quarteto do poema elucida o desespero que toma conta das elites dominadoras quando contemplam os privilégios ameaçados pela insurgência dos oprimidos, o contragolpe impulsionado pelo inconformismo dos indígenas, negros, mestiços, mulheres, imigrantes, moradores de favelas, daqueles miseravelmente explorados pelos parasitas nas suas fábricas de cadáveres. Na leitura revolucionária do agitador e abolicionista Ricardo Flores Magón: “É a revolução social que se faz de cima para baixo, senão de baixo para cima; a que tem que seguir seu curso sem a necessidade de chefes e apesar dos chefes; é a revolução do deserdado, que mostra a cabeça no festim dos fartos, exigindo o direito de viver” (2003, p. 75-76). O primeiro e o segundo terceto do poema expressam de forma distinta a perseguição e a repressão perpetradas pelos canalhas contra os anarquistas, a infame reação da burguesia que se vale do braço armado do Estado para efetuar prisões e execuções, para oprimir e tentar silenciar todos aqueles que podem contrariar as suas formas de dominação. Nas palavras inspiradoras redigidas por Errico Malatesta (2004, p.



⁸ O grupo de rap anarquista Bandeira Negra no seu EP de 2008 *Transformação* exemplifica, através da arte, como se deu o genocídio colonialista perpetrado pelos mercenários das cortes europeias contra os povos de *Alkebulan*, *Pindorama* e *Abyaiala*. Na letra de *Devemos Honra*, a 3ª faixa do disco em questão, os poetas libertários denunciam que, os assassinos da liberdade conduziram um massacre etnocida cujo saldo fatídico foi de, pelo menos, 300 milhões de indígenas e africanos mortos no Brasil de 1500 a 1900 (dados que muito embora possam refletir uma extrema noção de monstruosidade são modestos se comparados aos registos omitidos pela história). Na mesma música da banda, também se pode ver o ideal da anarquia tal qual está expresso pelos clássicos, ou seja, a total rejeição ao princípio de autoridade e à exploração do ser humano pelo ser humano: a mais inteira aversão ao colonialismo e às suas subsequentes consequências é afirmada com máxima ênfase pelo aguerrido grupo de rap.

57): “Daí a urgente necessidade de organização propriamente anarquista que, tanto dentro como fora dos sindicatos, lutam pela realização integral do anarquismo e procuram esterilizar todos os germes da corrupção e da reação”. Os dois tercetos finais do poema também demonstram que, muito embora o movimento tenha sofrido diversas perdas no processo de luta pela liberdade, a imaterialidade do ideal anarquista torna o mesmo virtualmente indestrutível: assim atestam os exemplos da Comuna de Paris em 1871, dos mártires de Chicago em 1886, dos revoltados de Strandzha em 1903, dos grevistas gerais do Rio de Janeiro e de São Paulo em 1917, dos revolucionários de Ekaterinoslav e Aleksandrovsk em 1919, dos marinheiros de Kronstadt em 1921, dos rebeldes da Catalunha e Aragão em 1936, dentre outros. Todas as grandes insurreições de caráter anárquico, mesmo após a violenta dissolução deliberada pelos agentes da repressão foram capazes de assegurar os direitos dos trabalhadores e, mais ainda, também originaram várias formas organizadas de resistência, movimentos com repercussão histórica e social até hoje.⁹

Agora passemos à análise estética do poema *O Lidador*, também publicado por José Oiticica na sua segunda série de sonetos, em 1919. No soneto infracitado, além de se reconhecer como “Poeta da Anarquia”, nos versos onde os “maldizentes” são abençoados, onde os “demônios” e as “serpentes” são domadas, onde o autor afirma ter “alma de guerreiro e missionário” com “mãos de ferro e palavras de evangelho”, este parece aproximar a sua arte das ideias de Liev Tolstói. Tolstói foi defensor da abolição do Estado e da paz para todos os povos, além de crítico do sistema teológico que concebia a divindade como algo exterior ao ser humano; para ele, as facetas institucionais do cristianismo traíram Jesus ao promoverem a violência, como o fizeram na Inquisição: “Estas sociedades, transformadas a seguir com a contribuição do poder civil em potentes instituições, foram o obstáculo principal à propagação da verdadeira inteligência da doutrina do Cristo” (1994, p. 41). Na interpretação de Liev Tolstói, aqueles e aquelas que seguiram a religião cristã dentro dos moldes originários foram acusados de heresia e exterminados pela própria igreja, contradição que fez desta última uma instituição anticristã. A sua forma de



⁹ O Dadaísmo, o grupo COBRA, o Movimento Letrista, o Colégio de Patafísica, a Arte Nuclear, O Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista, os Artistas Liberados, a Internacional Situacionista e o Movimento *Fluxus* nas suas “fases heroicas”, a Arte Autodestrutiva, os *Provos*, os *Motherfuckers*, a *Mail Art*, o *Punk*, o Neoísmo, a *Class War*, em síntese, todos os movimentos contraculturais que promoveram a utopia, a subversão e a guerrilha na (anti)arte do século XX – do ângulo analítico de Stewart Home no seu livro *Assalto à Cultura* – foram direta ou indiretamente influenciados pelas manifestações do anarquismo.

compreender o mundo faz de Tolstói um pensador anárquico, um anarquista que influenciou José Oiticica não a ser um pacifista como o Cristo, mas na adesão do vegetarianismo como forma de protestar contra a exploração animal e a ter afinidade no que concerne à filosofia da Rosa-Cruz. No soneto do poeta libertário:

Sou aquele que vai de frente erguida,
Entre turbas hostis ou indiferentes,
Cheio de bênçãos para os maldizentes,
Certo do que serei da minha vida.

Domador de demônios e serpentes,
Tenho a índole e as manhas do que lida.
Para o arranco final da acometida
Minhas células todas vão contentes.

Tenho alma de guerreiro e missionário,
Mãos de ferro e palavras de evangelho...
Fui herói num passado legendário.

E, Poeta da Anarquia, anjo do povo,
Fecho as portas cardeais do templo velho
E ilumino o altar-mór do templo novo!

No primeiro quarteto do poema é possível observar de uma forma bastante nítida a liberdade de consciência do poeta em relação à ignorância massificada que prevalecia na sua época, uma estratégia propositada pelos governantes que desejavam alienar a classe trabalhadora do seu poder revolucionário, um autoritarismo que Oiticica combateu a duras golpes de martelo: “A organização anárquica, não assentando em nenhum poder, mas no acordo mútuo, é diametralmente o oposto à centralização” (OITICICA, 2005, p. 101). Mesmo diante de tamanha inconsciência coletiva, José Oiticica não se deixava desanimar ou ressentir pelo estratagema governista de alienação massiva e, assim seguia ele em companhia dos seus correligionários, no combate ao analfabetismo político e ao embrutecimento intelectual. Conforme observado por Proudhon (1983, p. 22), “À medida que a sociedade fica mais esclarecida a autoridade real diminui: este é um fato de que toda a história dá testemunho”. Na direção de realizar uma revolução social de baixo para cima, da circunferência para o centro, com base nos princípios anárquicos, Oiticica dedicou sua vida inteira. No segundo quarteto do poema em análise, o artista se coloca em posição de resistência às imposições tirânicas imputadas contra o corpo societário pelos agentes institucionais da repressão: “Por essa razão dizem os anarquistas que as únicas leis boas são aquelas que extinguem as outras leis. Exemplo: o decreto de 1 de maio, que extinguiu



todas as leis reguladoras da escravidão no Brasil” (OITICICA, 2005, p. 49). Com faz-se observar, Oiticica retrata a sua paixão pelas ideias anarquistas e abolicionistas, o seu entusiasmo até compulsório pela causa libertária, uma força motivacional que parecia estar imune ao veneno e a maldade dos inimigos da anarquia. No primeiro e no segundo terceto do poema, o poeta reafirma a sua crença na transformação da realidade, o seu embate existencial contra todas as formas de dominação do ser humano pelo ser humano, um movimento cujo ponto culminante se encontra na derrocada do velho mundo (vertical, injusto e autoritário) e na edificação do novo mundo (horizontal, justo e libertário). Como bem escreveu Proudhon (1983, p. 24): “A propriedade e a realeza estão em demolição desde o início do mundo; como o homem procura a justiça na igualdade, a sociedade procura a ordem na anarquia”. O soneto em destaque expressa, de maneira evidente e precisa, o empenho quase sobre-humano de José Oiticica na luta por um formato de sociedade anárquica, em nome de uma estrutura societária fundamentada nos valores libertários da independência, da horizontalidade, da autonomia e da liberdade para todos os seres vivos.

Passemos então à análise do poema *O Merecimento*, da mesma série de sonetos publicada por José Oiticica em 1919. No soneto inframencionado existe uma sólida referência ao mutualismo, ao coletivismo e à solidariedade: ideias defendidas pelos anarquistas clássicos e atitudes imprescindíveis para o sucesso das insurreições populares. Ora, as bases da lógica libertária são muito simples: se os agentes do fascismo são mesquinhos, imprestáveis e parasitas, então agir de uma maneira solidária, prestativa e auspiciosa é o contramovimento necessário à destruição dos inimigos da humanidade. O exercício organizado da ajuda mútua constitui, assim, o principal fio-condutor de todas as revoluções libertárias. Nas palavras antifascistas de Nestor Makhno (2001, p. 83-84): “As ideias revolucionárias são alheias a esses exegetas, colados como sanguessugas ao corpo das massas trabalhadoras, das quais eles se servem para estabelecer sua influência e sua dominação”. Os exegetas denunciados por Makhno equivalem à escória de facínoras, burocratas e pseudointelectuais que aparelham a podridão parlamentar, às abantesmas que tetanizam as forças populares e asfixiam as aspirações dos trabalhadores, aos histriões de qualquer legenda que tudo fazem para obter votos e nada cumprem quando são eleitos. A única coisa que tais indivíduos merecem do ponto de vista anarquista consiste na execração, ou seja: o desprezo máximo, a aversão completa, a antipatia profunda, o repúdio total. Segundo os versos do poema de José Oiticica:



Tenho calos nas mãos e searas na alma.
Semeio e colho para os meus irmãos.
Meu prêmio é merecer e minha palma
Ver todos menos dúbios e mais sãos.

Feliz de quem, tateando embora, enxalma
Chagas alheias com piedosas mãos
E, tirando de si, dá força e calma
A inércia e ao mal-estar dos homens vãos.

No meio da subida eterna e rude,
Bendito o que tem braço para erguer,
Glória ao que me levante por virtude!

E infeliz do que, vendo alguém sofrer,
Podendo socorrê-lo, não o ajude
E passe, indiferente ao seu dever!

No decorrer de todo o poema é possível observar uma clara alusão ao “federalismo” proudhoniano, ao “coletivismo” bakuniniano e à “solidariedade” kropotkiniana: ideais que sugerem a abolição da propriedade privada e a demolição do Estado como possível solução para o problema social, visto que, a privatização dos meios de produção pela classe burguesa, tem por consequência, a miséria generalizada para a classe trabalhadora. Nas palavras do poeta, a unidade no movimento é a ponta de lança da revolução social: “Do seu trabalho exclusivo um só homem não conseguiria viver, ou viveria na miséria. Mas a *união faz a força*, e os homens, associando-se, centuplicam os seus poderes com a especialização e o método, conseguindo resultados verdadeiramente incríveis” (OITICICA, 2005, p. 32). A consciência libertária de José Oiticica se estende para um plano muito além das suas próprias elucubrações poéticas. Embora Oiticica fosse filho de um senador federal da República, assim como Kropotkin e Bakunin eram filhos da realeza russa, tanto ele quanto os seus predecessores anarquistas nunca foram carrapatos de colarinho: eles dedicaram todo o seu tempo de vida e energia vital à construção do socialismo libertário, um ideal que empreenderam até quase atingirem o limite máximo dos seus recursos físicos, mentais, emocionais e espirituais. Mikhail Bakunin sugere: “Tornemo-nos cada vez mais solidários no estudo, no trabalho, na atividade política, na vida. Associemo-nos em ações comuns de modo a tornarmos a existência um pouco mais suportável e menos difícil” (1979, p. 10). Os pensadores antifascistas de todos os tempos lutaram pela completa e irrestrita emancipação dos trabalhadores que, na conjuntura histórica e cultural onde viveu José Oiticica, não eram nem podem ter sido somente os imigrantes europeus. Com efeito, entre os silêncios e as omissões dos historiadores, os protagonistas das lutas proletárias no Brasil



do século XX também eram negros, indígenas, mestiços, mulheres, nordestinos, camponeses, moradores de favelas, pessoas sem-teto e mesmo crianças. O historiador Pablo Mizraji, por exemplo, foi um dos poucos libertários dentre os nossos contemporâneos a fazerem uma análise étnico-identitária do movimento grevista de 1917: “A classe trabalhadora era composta, assim, de operários, homens e mulheres, crianças, mestiços, negros e índios” (2017, p. 14). Como bem explicitou nos dois tercetos do poema supramencionado, Oiticica caminhava junto dos marginalizados, todos alvos da discriminação, do racismo, da exploração, da xenofobia, da opressão e da violência em um modelo de sociedade colonialista, refratário e condenado ao arruinamento. O poeta da anarquia jamais reproduziu o discurso mequetrefe e a encenação cafona das elites abjetas que deformavam a história do Brasil; muito pelo contrário, além de ser um crítico ferrenho do sistema de dominação em vigência, este último foi detido diversas vezes pela polícia do governo e exilado de sua terra natal devido ao amplo envolvimento com as causas libertárias.

Sigamos, por fim, com a análise estética do poema *O Único*, publicado por José Oiticica também no ano de 1919. No soneto infracitado, uma notória conexão entre as ideias de Oiticica e o pensamento de Max Stirner pode ser evidenciada. Este último antecipou as premissas da filosofia anarquista muito antes do conceito de anarquia ser cunhado por Proudhon. Do ângulo de visão stirneriano, “humanidade”, “religião”, “Estado”, “governo”, “pátria”, “povo”, “bem” e “mal” eram ficções, alucinações instituídas por algum ente megalomaniaco com a pretensão de escravizar a consciência dos indivíduos. Stirner assim diz: “As verdades são frases, expressões, palavras (*logos*); unidas umas às outras, entrançadas de extremo a extremo e ordenadas em linhas, essas palavras formam a lógica, a ciência, a filosofia” (2007, p. 352). As concepções stirnerianas de liberdade política, econômica e individual; as suas noções da sociedade futura; as suas críticas ao sistema estatal e de propriedade são as mesmas que serão apresentadas pelos clássicos do anarquismo. Na análise filosófica de Max Stirner, a única certeza real era o próprio indivíduo; os elementos do conjunto humano eram todos únicos e como tais, o ideal dos iconoclastas deveria lhes servir como um horizonte norteador: o desmoronamento do edifício dos absolutismos como o primeiro movimento para todos realizarem a sua própria individualidade. Segue o poema de José Oiticica no qual se pode apreciar uma conversação com a obra de Max Stirner:



Tu não és fogo, porque o fogo morre.
Não és bem, porque o bem supõe o mal.
Não és fluido, que o Fluido, igual, decorre,
Em ondas vãs, da Essência Universal.

Não és caos; nem és massa que se forre
Às pressões, aos limites, ao gradual,
Nem a Substância de onde emane ou jorre,
Em sequência de leis, a Lei Casual.

Não pensas, pois quem pensa é *como e quando*.
Não vives: pois Vida é forma, tempo e ação...
Nem és Deus... És o não-criador, sem mando.

Sim! És o Imanifesto, o Sem, o Não,
O Jamais, o Ninguém... Tu só... vibrando...
E inconsciente da própria vibração!

O título do poema evidencia em primeira mão uma leitura da obra de Max Stirner chamada *O Único e a sua Propriedade*. No livro em questão, o autor anarquista recordado no soneto de José Oiticica expressa um pensamento extramoral a respeito do mundo, um conjunto fenomenológico cujo critério de interpretação e significado é inteiramente individual. Na visão individualista de Stirner: “Nada, nenhum interesse supremo da humanidade, nenhuma causa sagrada vale que tu a sirvas e te ocupes dela por amor a ela; não procures por outro valor se não o que vale para ti mesmo” (2007, p. 353). A filosofia de Max Stirner acena para um ideal de transformação revolucionário que vem de dentro para fora, uma transfiguração que parte do indivíduo para o mundo e não do mundo para o indivíduo, uma postura libertária radical que não se deixa colonizar pelas formas ideológicas de dominação social, aparelhadas pelos governantes para alienar as massas: “Eu sou o detentor do meu poder, e o sou quando me faço Único. No Único, o possuidor volta ao nada criador do qual saiu. Todo ser superior a Mim, seja Deus ou Humano, se debilita ante o sentimento da minha Unicidade, e empalidece ao sol dessa consciência” (2007, p. 371). No poema de José Oiticica, o anarcoindividualismo stirneriano se evidencia quando o poeta outorga a si mesmo o direito de auto-pertencimento, a liberdade de ser o intérprete e significante da sua própria realidade, quer dizer, se exprime no inconformismo em relação aos argumentos de autoridade, contra os sofismas que pretendem ser a última palavra sobre tudo, como uma crítica à servidão dos alienados no que concerne à qualquer força que não exista no seu próprio interior. Nas palavras de Stirner (2007, p. 364): “Se não sirvo à nenhuma ideia, a nenhum Ser Superior, se subentende que nem tampouco servirei a nenhum homem, salvo



– e em todo caso – a Mim”. Além disso, a dialética negativa dos filósofos presente no poema de Oiticica cumpre a função de libertar o indivíduo dos imperativos de domesticação que a ele são sobrepostos pelo Estado, pelos governos, pelos parlamentares, pelos vigários, em suma, pelas classes privilegiadas. Liberto das amarras que o impedem de se tornar aquilo que é, o indivíduo pode enfim se projetar com amor-próprio em um horizonte de sentido para além do bem e do mal: uma dimensão na qual ele mesmo, agora um espírito livre, com respeito pelos direitos naturais e invioláveis comuns ao gênero, diz não ao embrutecimento, diz não à opressão, diz não ao autoritarismo, até que possa ter em mãos a soberania da própria vida e ser o senhor do seu próprio destino.

Conclusão

A título de conclusão foi constatado neste artigo que, na poesia de José Oiticica, os principais ideais do pensamento anarquista clássico podem ser identificados. Os poemas interpretados na presente análise estética evidenciam uma ampla educação libertária, ao mesmo tempo que assinalam as apreciações e experimentações das ideias anárquicas, as aventuras e tessituras de um poeta cuja vida e obra estavam em total ressonância com o espírito da sua época. Conforme ressaltado pelo historiador anárquico Lauris Júnior (2009, p. 14): “Oiticica reconhece a importância da leitura para reunir, concentrar e para orientar as suas reflexões, os escritores e diversos autores clássicos são os mediadores do passado com o presente”. Outrossim, aqui também se transpareceu em que medida José Oiticica realizou uma conexão de grande notoriedade entre arte e política, pois tanto a sua poética pode ser interpretada como possuidora de um caráter anárquico, quanto a sua anarquia pode ser reconhecida como detentora de uma dignidade poética. Em concordância com as palavras das irmãs Omena (2010, p. 3): “a riqueza e a variedade da poesia de José Oiticica acabam por se defrontar com a riqueza e a variedade do homem José Oiticica”. Assim, os ativistas e entusiastas de longa data na movida libertária, ou mesmo aqueles e aquelas que recém-iniciaram as incursões na literatura dos clássicos anarquistas, ambos podem sentir uma “estranha familiaridade” para com e identificar as ideias ácratas na poemática de Oiticica. Entrementes, nesta tessitura foi demonstrado, a partir do horizonte de uma arte de viver, por meio de quais alinhamentos José Oiticica fez convergir os movimentos libertários e o ativismo artístico.



No primeiro soneto analisado, *Anarquia*, foi mostrado como a poesia de José Oiticica se correlaciona com as ideias anarquistas originárias, abolicionistas e anticolonialistas, bem como se coaduna com as expressões insurrecionais do anarcossindicalismo, ou seja, as manifestações revolucionárias que no Brasil culminaram nos eventos da Greve Geral de 1917. No poema supramencionado, a partir de um diálogo com as obras de Pierre Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Nestor Makhno, dentre outros espíritos livres, Oiticica poetiza a trajetória dos movimentos libertários internacionais, das revoltas populares que desde sempre resultaram na conquista de direitos coletivos e individuais, políticos e sociais para toda a civilização, além de denunciar a repressão totalitária deliberada pelos fascistas e mercenários contra os diletantes do ativismo anárquico em todo o mundo.

No segundo soneto analisado, *O Lidador*, foi evidenciado como o poeta José Oiticica fez da força de vontade um alicerce para perdurar na superação das dificuldades, um supertônico para vencer os desafios que poderiam aparecer no movimento de resistência contra as formas de opressão. Concernente à fé inabalável na possibilidade de edificar uma nova sociedade, em construir um novo mundo estruturado pelos princípios da anarquia: o poema suprarreferido remete às ideias de Liev Tolstói; bem como acena para a influência do pensamento de Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin e Francisco Ferrer: quando estes concebem a educação pensada em termos anarquistas como uma ponte para a liberdade de consciência e emancipação das massas. Através do soneto em destaque, também foi visto como o impulso emancipatório que conduzia o inconformista Oiticica em direção da transformação social era mantido por ele em permanente manifestação e de que forma o seu apreço pelos ideais do anarquismo foram de fato vitalícios.

No terceiro soneto analisado, *O Merecimento*, a influência das ideias anarquistas, coletivistas e mutualistas na poesia de Oiticica foi sem dúvidas evidenciada. O poema precitado apresenta um autêntico diálogo com as reflexões de Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin: três dos mais significativos pensadores clássicos da constelação libertária, filósofos de um espírito anárquico que representaram não apenas para o poeta, mas para todo o movimento anarquista nobres fontes de referência intelectual, quer na esfera teórica seja no âmbito prático. Ficou também evidenciado que os princípios da horizontalidade, da autonomia, da solidariedade e do apoio mútuo, presentes ao longo dos versos em pauta, não eram somente partes de uma sólida construção poética, mas que



também eram horizontes de inspiração para dar sentido e motivação à realidade existencial de José Oiticica.

No quarto soneto analisado, *O Único*, através de uma aproximação com as reflexões desenvolvidas por Max Stirner, os princípios anarquistas da autonomia, da autogestão, da autodeterminação, da independência que estavam presentes nos versos de Oiticica foram trazidos à luz. A liberdade existencial para fazer as próprias escolhas, a força interior para escrever o seu próprio destino, o empoderamento necessário ao indivíduo para que este se assenhore de si mesmo são as ideias libertárias apresentadas por José Oiticica no poema supracitado. Na análise em questão, também se constatou de que maneiras o poeta toma o norte das tendências clássicas do anarquismo para tentar constituir a sua própria realidade, sem permitir que a dominação externa seja exercida sobre o mundo subjetivo.

Em uma síntese dialética, esta análise descritiva pode ser finalizada com a certeza de que, no pensamento de José Oiticica, a arte e a vida estabelecem uma relação de reciprocidade, visto que, as duas forças se encontram atreladas de uma forma indissociável. Nas palavras visionárias do poeta ingovernável, os artistas são ativistas indispensáveis ao desenvolvimento de uma sociedade anárquica:

O artista é um trabalhador como qualquer outro e tudo receberá da comuna desde que lhe dê trabalho artístico. Assim, facilimo será organizar orquestras e corais perfeitos, teatros de ópera ou de tragédia e comédia. Esses teatros, cujo elenco se comporá dos mais perfeitos artistas, escolhidos pelos respectivos sindicatos, irão de município em município, sendo, pois, dado a todos ouvirem diretamente as maiores celebridades. Os quadros famosos também circularão em exposições contínuas. Penso que, com o desenvolvimento da televisão, com a transmissão das cores naturais, chegaremos a fazer exposições à distância. A cinematografia, livre da especulação capitalista, que explora os sentimentos da massa, terá, na comuna anárquica, saliente papel cultural, não só com filmes científicos, mas também com reproduções de romances célebres. Será proveitoso e deleitoso estudar história universal nas escolas, vendo, depois de lida a narração no compêndio, o episódio reconstituído na tela. Hoje é o gosto da massa que dirige as empresas cinematográficas: em sociedade anárquica, serão os educadores que dirigirão a composição dos filmes (OITICICA, 2005, p. 115-116).

No pensamento de José Oiticica, em uma organização social livre de opressão, todos os artistas teriam meios e recursos disponíveis para a realização completa das suas obras. A criação estética orientada para a formação da reflexão crítica deveria estar no primeiro



plano das atividades socioculturais que seriam realizadas no interior das comunas ácratas. Nessa perspectiva, o artista ocuparia uma posição muito respeitável na movida anárquica, pois seria este o responsável tanto quanto os professores pela idealização e realização das mais autênticas intervenções emancipatórias. Na poética libertária de Oiticica, a acracia pode ser reconhecida como o fio-condutor da unidade entre estética e existência. Para ele não existe uma divisão entre as ideias e o movimento, não é possível conceber a anarquia separada do anarquismo, de sorte que doravante uma coisa leva à outra e vice-versa. Portanto, deste ângulo de visão, onde o ato de viver e o impulso de criar reverberam unidos na acústica da liberdade, com certeza se pode afirmar que para o poeta ser anarquista é também uma arte.



Referências Bibliográficas

BAKUNIN, Mikhail. *O Socialismo Libertário*. Trad. Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1979.

FAURE, Sébastien. *Encyclopédie Anarchiste: Œuvre Internationale des Éditions Anarchistes*. Paris: Librairie Internationale et l'Imprimerie La Fraternelle, 1934.

FREUD, Sigmund. *O Infamiliar [Das Unheimliche]*: seguido de O Homem da Areia, de E. T. A. Hoffmann. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Col. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HOME, Stewart. *Assalto à Cultura: Utopia, Subversão, Guerrilha na (Anti)Arte do Século XX*. Trad. Cris Siqueira. São Paulo: Conrad Editora, 1999.

KROPOTKIN, Piotr Alexeyevich. *A Anarquia: sua Filosofia, seu Ideal*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

LAURIS JÚNIOR, Renato Luiz. *José Oiticica: Reflexões e Vivências de um Anarquista*. Dissertação de Mestrado (UNESP-SP). Assis, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/46379249-Renato-luiz-lauris-junior-jose-oitica-reflexoes-e-vivencias-de-um-anarquista.html>

MAGÓN, Ricardo Flores. *A Revolução Mexicana*. Sel. e Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

MALATESTA, Errico. *Autoritarismo e Anarquismo*. Sel. e Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.

MIZRAJI, Pablo. *O Anarquismo no Brasil em 1917: Greve Geral*. Instituto de Teoria e História Anarquista. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://ithanarquista.files.wordpress.com/2017/06/pablo-mizraji-o-anarquismo-no-brasil-em-19171.pdf>

NEVES, Roberto das. *José Oiticica: um Anarquista Exemplar e uma Figura Ímpar na História do Brasil*. In: OITICICA, José Rodrigues Leite e. *Ação Direta: Meio Século de Pregação Libertária*. Sel. Roberto das Neves. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1970.

OMENA, Maria Aparecida Munhoz de; OMENA, Luciane Munhoz de. Anarquia nos Sonetos de José Oiticica? In: Revista Litteris, nº 3: 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/artigo_anarquia.pdf

FREITAS, Jan Clefferson Costa de. JOSÉ OITICICA E A ARTE DE SER ANARQUISTA: DA POESIA ANÁRQUICA À ANARQUIA POÉTICA . eK22011



OITICICA, José Rodrigues Leite e. *Ação Direta: Meio Século de Pregação Libertária*. Sel. Roberto das Neves. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1970.

OITICICA, José Rodrigues Leite e. *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Achiamé, 2005.

OITICICA, José Rodrigues Leite e. *Sonetos: 2ª Série (1911-1918)*. Maceió: Linotypia da Casa Ramalho, 1919.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Proudhon: Textos Escolhidos*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.

RODRIGUES, Edgar. *José Oiticica: sua Vida, sua Obra, suas Ideias*. In: OITICICA, José Rodrigues Leite e. *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Achiamé, 2005.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a Rede de Militantes e Cientistas em torno do Ensino Racionalista (1890-1920)*. Tese de Doutorado (USP-SP). São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-133921/pt-br.php>

STIRNER, Max. *El Único y su Propiedad*. Trad. Pedro Gonzales Blanco. 1ª Ed. Buenos Aires: Editorial Reconstruir, 2007.

TOLSTÓI, Liev. *O Reino de Deus está em Vós*. Trad. Ceuna Portocarrero. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994.

ULLMAN, Joan Connelly. *La Semana Trágica*. Estudio sobre las Causas Socioeconómicas del Anticlericalismo en Espanha (1898-1912). Esplugues de Llobregat: Editorial Ariel, 1972.



FREITAS, Jan Clefferson Costa de. JOSÉ OITICICA E A ARTE DE SER ANARQUISTA: DA POESIA ANÁRQUICA À ANARQUIA POÉTICA . *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22011, p. 01-21.

Recebido: 04/2022
Aprovado: 05/2022

